

# Mulher e erotismo na poesia de Patativa do Assaré

---

**Maria do Socorro Pinheiro**

[socorropinheiro2@hotmail.com](mailto:socorropinheiro2@hotmail.com)

---

Pós-doutorado em Linguagem e Ensino - POSLE/UEPB.  
Doutora em Literatura e Interculturalidade-UEPB. Professora  
da Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu- FECLI/  
Universidade Estadual do Ceará - UECE. Membro do Grupo de  
Pesquisa e Estudo em Educação, Linguística e Letras - GPPEL, do  
Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia- IFCE.

## Introdução

No final da década de noventa, ouvi o cantor Bêu Paulino<sup>20</sup> declamar o poema *Cante lá que eu canto cá* de Patativa do Assaré. Meus sentidos foram rapidamente tomados por uma sensação que até hoje sinto-me bem ao lembrar. A partir daquele momento, decidi ler sua poesia e, mais tarde, no exercício da docência, a levei para a sala de aula. Depois de leituras e mais leituras com os alunos, organizei uma viagem a Assaré, cidade natal do poeta, para que pudessem conhecer Patativa. A experiência foi ricamente vivida por todos nós, pois ficamos maravilhados com aquela ambiência poética, sentida nos versos declamados incansavelmente.

Minha experiência com sua poesia foi se aprofundando quando fiz o Mestrado em Letras na Universidade Federal do Ceará (UFC) e escrevi minha dissertação intitulada *A criação poética de Patativa do Assaré*, em 2006, sob orientação da professora Martine Suzanne Kunz. Com a pesquisa, fui vendo que seu processo criativo era algo extremamente intrigante, iniciado na memória, que mais parecia uma fábrica de versos, e concluído quando declamasse o poema. Esse seu modo de operação com a poesia remete a uma tradição oral, perpassando todas as fases do seu fazer poético e não se afastando nem mesmo quando sua obra recebeu o suporte da escrita, algo que reforça mais ainda sua oralidade (PINHEIRO, 2006).

A poesia de Patativa do Assaré passou a fazer parte de minha atividade docente, por meio do ensino e da pesquisa. Retorno a sua obra e depois de algumas relei-

---

20. Grande representante da cultura popular, desenvolvendo trabalhos como radialista, professor e músico.

turas, percebo que no seu *Sertão Encantado* há muitos elementos que merecem ser analisados, entre eles dois que me trazem, ao mesmo tempo, fascínio e curiosidade. Conduzida por esse duplo estado, pretendo nesse artigo fazer um estudo interpretativo de alguns poemas que tratam sobre a temática erótica e a representação da mulher, tentando entender como ele constrói as relações afetivas e o lugar da mulher na sua poesia.

Algumas perguntas inicialmente me estimularam nessa escrita, como o tipo de mulher que Patativa canta em seus versos. Teria sido o poeta tomado pelo espectro romântico e dado à mulher um sentimento idealizado? Ou teria adentrado a uma ala mais realista, fazendo uso de descrições que potencializem os diferentes papéis que as mulheres assumem durante a vida? E sobre Eros, como Patativa o desenvolve e com que frequência essa temática se apresenta em sua poesia? Seguindo essas indagações e com o intuito de perscrutar esse terreno poético-erótico-amoroso, houve a necessidade de um diálogo com Bataille (2013), Chevalier & Gheerbrant (1990), Carvalho (2002), entre outros, para melhor entender a poesia de Patativa. Espero que esse artigo possa elucidar algumas questões sobre essa temática, a qual me proponho a estudar.

## As Mulheres de Patativa do Assaré

Patativa do Assaré definiu em *O poeta da roça*, segundo poema que abre o livro *Inspiração Nordeste*, de 1956, sua filiação e identidade: “sou fio das mata, cantô da mão grossa, / trabaio na roça, de inverno e de estio” (2003, p. 14). O poeta afirma ser filho da mata, “poeta das brenhas”, o cantador “da vida apertada”, o trabalhador

da roça. Sua condição de sertanejo também lhe deu a de poeta, que transformava tudo em poesia, “pra toda parte que eu óio / vejo um verso se bulí” (1992, p. 28). Sendo o sertão sua fonte poética, como não cantar as mulheres que nele vivem?

Ele foi um fazedor de versos na memória, algo bastante intrigante numa cultura letrada cujo domínio deveria ser preponderantemente o da escrita. Mas Patativa vem de outra linhagem, que ele cultivou ao som da viola, vivenciada nas noites de cantoria, na leitura de cordéis, nas histórias contadas ao redor das fogueiras. É nesse contexto que sua poesia nasce, pois de acordo com Carvalho (2002, p. 34) “a voz de Patativa funda sua poética”. Todo esse universo oral se presentifica na escrita, suporte que faz sua poesia permanecer entre nós, resistir ao tempo, escapar da fugacidade da voz, contudo sem deixar de ser voz, pois segundo Pinheiro (2006, p. 147), “sua poesia vive no mundo não-escrito, mundo incontrolável, cheio de surpresas, no qual o poeta se sente à vontade porque as coisas parecem estar em sua forma primeira”. Independentemente dos temas cultivados, sua poética está marcada pela virtuosidade, sentida na linguagem com seus experimentalismos linguísticos, na forma de memorizar, e na espontaneidade de dizer os versos ao sabor do momento. Isso porque “tudo que ele cria é fruto de sua imaginação” (CARVALHO, 2002).

Olhando o sertão de Patativa não nos surpreende ser “o livro aberto / onde lemos o poema / da mais rica inspiração” (1992, p. 236), pois tudo há nele, inclusive a poesia de expressão amorosa direcionada à figura da mulher, como nos versos: “muié tão simpate e bela / que o sertão nunca mais bota / outra fulô cumo aquela” (2003, p. 80). A mulher está representada como “sertaneja linda”, “anjo do sertão”, “linda cabôca”, “fulô querida”, tal como a Suzana

bela, “que passou a vida a padecer por mim” (1995, p. 45). Há uma galeria de mulheres na poesia de Patativa que podem ser estudadas em dois grupos. Essa divisão é apenas uma estratégia para este estudo. Um grupo onde as mulheres estão representadas pela donzela nova, bonita e boa, habilitada ao casamento. E outro, em número menor, as que se opõem à moça virgem e casamenteira. Elas podem até se casar, mas sem a possibilidade de se parecer com as santas do altar.

Em seu primeiro livro, *Inspiração Nordestina*, publicado em 1956, há 8 poemas cujos títulos trazem nomes de mulheres, como *Chiquita e Mãe Véia*, *A Escrava do Dinheiro*, *Maria Gulora*, *A Festa da Maricota*, *A Menina e a Cajazeira*, *Carta à Doutora Henriqueta Galeno*, *A Menina Mendiga* e *Cabôca de Minha Terra*. Seus outros livros, como *Cante lá que eu canto cá*, de 1978, *Ispinho e fulô*, de 1988, *Balceiro: Patativa e Outros Poetas de Assaré*, de 1991, *Cordéis*, de 1993, *Aqui tem coisa*, 1994, e *Balceiro 2: Patativa e Outros Poetas de Assaré - 2001*, também apresentam vários poemas que falam sobre mulheres e, em muitos deles, estão descritas principalmente como um anjo, envolvidas em uma certa sacralidade, como nos versos: “Via naquela caboca / A forma de um anjo lindo, / pois mesmo sem tá sirrindo / tem um risinho na boca” (p. 277). Também como rainha, a expressão máxima do poderio feminino, “a Maroca era a rainha / No trabaio e na beleza” (2003, p. 23). Outras mulheres como feiticeira, “Dessas moça feiticêra / Que todo mundo qué bem” (2003, p. 22). A feiticeira carrega a sedução no olhar, no andar faceiro, na voz, causando atração entre todos. Segundo Chevalier & Gheerbrant (1990, p. 419), “a feiticeira é a antítese da imagem idealizada da mulher”. E também meretriz, “nunca lamentos teu viver de puta / entre os pomares tu também és fruta, / alguém te ensina e com fervor te quer” (1991,

p. 23). Estas (feiticeira e meretriz) compõem o segundo grupo da galeria de mulheres e aquelas (anjo e rainha) o primeiro.

São abundantes os nomes de mulheres a partir do próprio título dos poemas e também no interior deles, como Maroca, “aquele anjinho composto, / se era bem feito de rosto, / de corpo dizia – Arreda!” (2003, p. 22); Chiquita, “era a mais bonita / das menina desta terra” (2003, p. 28); Regina, “era escrava do dinheiro, / era tôda de metá...” (2003, p. 36); Margarida, “tão mimosa e tão querida, / a vida da minha vida / e dos meus sonho a visão” (2003, p. 56); Maria Gulora, “nois dois juntinho corria / pros cantêro de fulô” (2003, p. 70). Maricota, “muié tão simpate e bela / que o sertão nunca mais bota / outra fulô cumo aquela” (2003, p. 80); Tudinha, “a morena era vaidosa, / izigente, caprichosa, / e sempre a todo momento / Dizia que me queria” (1992, p. 83); Maria, “toda Maria que eu via / lhe falava em casamento” (1992, p. 105); Maria Joana, “proque, a fala suave / daquela linda boneca, / tinha o som tão agradave / como corda de rabeca” (1992, p. 142); Belinha, “esperançosos fomos nos amando, / ambos pensando em um feliz noivado” (1992, p. 163); Zabé, “De boniteza e primô / é um modelo perfeito / só nosso pai criador / faz coisa daquele jeito” (1992, p. 278); e ainda Maria Joana, Vicência, Sofia, Rosa, Maria Rita, Carolinda, Benvinda, Felisbela, Conceição, Tereza Potó, entre outras. Essas mulheres são interlocutoras do eu poético, que mantém com elas um diálogo sobre diferentes temas como política, injustiça, amor, sertão, natureza, família, etc. E que voz têm essas mulheres no universo do poético de Patativa? Quem são elas e o que elas fazem?

Algumas mulheres pouco têm voz e a atuação delas está definida nos moldes do patriarcado, portanto o lugar de fala delas é conduzido pelo sistema opressor. E se sobre

elas está a marca do patriarcal, poucas falam, apenas o que lhes for determinado. São mulheres boas, belas, propensas ao casamento, preparadas para serem esposas e mães. Nada mais além disso. O poeta filia-se a uma tradição de cantar as mulheres de forma idealizada, descrevendo traços angelicais, expondo a ternura, a delicadeza, a suavidade, como características imanentes do feminino. As donzelas trabalhadeiras e virtuosas esperam o casamento como condição maior da felicidade. A exemplo disso, uma estrofe do poema *Cabôca da minha terra*, no livro *Inspiração Nordeste*:

Pensando no casamento,  
Veve cheia de prazer  
O bêjo do atrevimento  
Não gosta de recebê.  
Não gosta de certas graça  
E muntas vez até passa  
Dez ano sem namorá,  
Esperando o noivo amado  
Que saiu de seu estado  
Pras banda do Paraná  
(2003, p. 346).

Patativa retrata duas características da “cabôca”: a seriedade e a fidelidade feminina. Ela assume o compromisso do casamento com austeridade, mas não nega que vive cheia de prazer e espera desejosamente o amado. A espera de dez anos lembra Penélope, esposa de Ulisses, que passou dez anos esperando que o marido voltasse da Guerra de Troia. A “cabôca” assume como Penélope, o

arquétipo<sup>21</sup> da mulher fiel. Do modo como estão descritas, o poeta reafirma sobremaneira o papel das mulheres na sociedade, exclusivamente para ser esposa e mãe, como nos versos: “Maricota, o anjo prefeito, / a prenceza do sertão, / vinha bonita de um jeito / de machucá coração. / De parma, véu e capela / não sei a beleza dela/ com que posso compará. / Apois tão bonita tava/ que pra santa, só fartava / se encaracolá num artá” (2003, p. 86).

O poeta concede à maioria das mulheres um patamar de santidade, vista como “anjo de saia”, pela bondade visivelmente manifestada. Instituída essa santidade, elas tornam-se submissas, cumpridoras de regras e enquadradas em modelos. Lendo sua poesia, logo aparecem as mulheres de face angelical, a perfeição em beleza, bondade e ternura. Esse aspecto pode ser visto nos versos do poema *Chiquita e Mãe Véia*, pertencente ao livro *Inspiração Nordestina*:

Quando a lua vai descendo  
Minha dô vai omentando,  
Apois quando eu vejo a lua  
Fico triste, me lembrando,  
Me lembrando com sodade  
Da beleza e da bondade  
De um anjo que Deus me deu.  
Uma menina bonita  
Que se chamava Chiquita  
E tanto brincou mais eu  
(ASSARÉ, 2003, p. 28).

---

21. Arquétipo significa imagens primordiais produzidas pelo inconsciente coletivo, que segundo Jung (2012, p. 52) “indica a existência de determinadas formas na psique, que estão presentes em todo tempo e em todo lugar”.



Chiquita reúne qualidades como bondade, beleza, jovialidade, que vão se repetir em outros poemas que tematizam a mulher. Sobre a bondade, Patativa não economiza vocábulos para mostrar essa virtude, como nos versos: “que dêrne dela menina / na sua doce inocença / deu uma certa parença / das coisa santa e divina” (2003, p. 80). A beleza é outro atributo que Patativa retrata na formosura do corpo feminino como um ser de perfeição igual ao “da Santa lá da Matriz” (2003, p. 23), superior à realeza, pois “nem a prenceza do Reis / era tão bonita assim” (2003, p. 80) e ainda mais do que a deusa Flora, “no meu sertão eu conheci outrora, / lá no recanto duma soledade, / Bonita jovem duma qualidade / muito mais linda do que a deusa Flora” (1991, p. 33). E a jovialidade feminina é um aspecto que predomina na caracterização dessas mulheres, que vivem mais ou menos na “casa dos dezasseis” (2003, p. 80).

No entanto, outras mulheres em número menor se apresentam com outra face e tendo outra voz: Regina era interesseira, só pensava em dinheiro e em luxo; Zizi batia no marido; Zabé era briguenta, raivosa, atrevida e malcriada; Maria era preguiçosa, grosseira e teimosa; Tudinha, a morena formosa que fugiu com Futrica. Essas mulheres integram o segundo grupo, que se notabiliza por atributos transgressores constitutivos da esfera humana.

As mulheres presentes na poesia de Patativa nos surpreendem pelo perfil psicológico com que o poeta as define. Algumas são identificadas pela bondade, como Maroca, Maricota, Maria Gulora, entre outras; Regina, Zizi, Zabé, Maria, Tudinha, Têê e outras pela falsidade, atrevimento, teimosia e valentia. Tomando apenas esses nomes como exemplos, podemos ver dois arquétipos femininos: a mulher anjo e a mulher fatal. Quer seja anjo ou fatal, as mulheres de Patativa são constituídas de beleza e eroti-

cidade, como pode ser verificado na seguinte estrofe do soneto *Fuga de Vênus*, que retrata a bonita jovem camponesa, “era atraente, tão simpática e bela / que contemplar a formosura dela, / Vênus não pôde teve que fugir” (1991, p. 33).

## Eros e Patativa

Há um erotismo bem evidenciado nos poemas de Patativa que narram algum episódio sobre a mulher. Erotismo usado no sentido de experiência do espírito, uma atividade interior do homem, que segundo Bataille (2013, p. 53) “é um dos aspectos da vida interior do homem”, embora o pensador francês cogite também ser um engano, pois “ele busca incessantemente no exterior um objeto de desejo. Mas esse objeto responde à interioridade do desejo”. O desejo está intimamente relacionado com o interior, com uma busca psicológica, porém seu objeto está no exterior, fora dele, portanto, admite-se conduta de violação ao estado erótico. O erotismo nasce dos interditos, da violação, e põe homens e mulheres em movimento, que para Bataille (2013, p. 61) “devemos considerá-lo como o movimento do ser em nós mesmos”.

Em alguns poemas, há uma realidade erótica na forma como Patativa canta a mulher, sobretudo seu corpo, que ganha contornos bem definidos por meio de uma linguagem poética detentora de imagens e símbolos, construídos a partir do próprio universo do sertão. Na seguinte estrofe do poema *O puxadô de roda*, pertencente ao livro *Inspiração Nordestina*, o leitor pode constatar a eroticidade do corpo:

Quem tivesse reparado  
Nessa franga de muié,  
O corpo se balançando  
No compaço do quicé,  
Via no lugá dos peito  
Dois catombinho bem feito,  
Ficando assim parecido  
Como dois pombinho fromoso,  
Com seus biquinho teimoso  
Querendo furá o vestido  
(2003, p. 22).

O modo como o corpo feminino está descrito evidencia o erotismo ao chamar atenção para os seios daquela *franga de muié*, termo usado comumente no espaço do sertão ao se reportar à jovialidade da moça. Contudo, ganha um sentido pejorativo ao relacionar a moça à franga. O grau de erotismo está em uma parte do corpo, nos seios, notadamente à vista do eu poético, que repara bem nos “Dois catombinho bem feito”, associando-os aos pombinhos, símbolo do amor, que aqui especificamente têm uma alusão carnal. Esse simbolismo dos pombinhos está intimamente relacionado à mulher, a sua beleza e graça como objeto de desejo. O biquinho do peito querendo furar o vestido é a imagem mais elucidativa do erotismo nesses versos, que têm uma face carnal, de violação e de fusão do corpo.

No erotismo está o desejo de destruição do objeto, que é tomado inicialmente pela sedução, por uma beleza que atrai, que apreende o corpo e que se aproxima da violação. O corpo feminino na poesia de Patativa está exposto para contemplação, como se em um santuário estivesse. Porém, o eu poético aspira também a uma reali-

zação carnal. A perfeição do corpo insinua uma aparente pureza, que durará pouco, pois logo será violado, “uma bela moça nua é por vezes a imagem do erotismo” (BATAILLE, 2013, p. 154).

No poema *Três Moça*, pertencente ao livro *Ispinho e fulô*, o que caracteriza essas mulheres é a figuração do anjo. Sendo elas divinizadas, poderiam fazer parte da atividade erótica? O estado erótico é uma condição do ser, logo, sendo caracterizadas como seres divinos ou não, são vistos com grande potencialidade erótica. Eis o poema:

Três moça, três atração,  
Três anjo andando na terra,  
Eu vi lá no pé da serra  
Numa noite de São João.

A premêra era a Benvida  
E eu juro pro Jesus Cristo  
Como eu nunca tinha visto  
Uma coisinha tão linda.

Benvinda, o prêmero anjo  
Tinha a voz harmoniosa  
como as corda sonora  
do bandolim dos arcanjo.

A segunda, a Felisbela,  
Era um mundo de beleza,  
Não sei como a Natureza  
Acertou para fazê ela.

Os óio era dois primô  
Com tanta quilaridade  
Como quem sente a sodade  
De um bem que nunca vortou.

A terceira, a Conceição,  
Era a mais nova das três  
Parecia Santa Inês  
Quando sai na procissão.

Nunca houve sobre a terra  
E não pode havê ainda  
Quem diga qual a mais linda  
Das moça do pé da Serra.

Se arguém mandasse eu jurgá  
E a mais bonita iscuiê  
Eu ficava sem sabê.  
Pois todas três era iguá.

Quando oiei pras três menina  
Oiei tornei a oiá,  
Eu fiquei as maginá  
Nas coisa santa e divina.

E o que ninguém desejou  
Desejei naquela hora  
Sê o grande Rei da Gulora  
O Divino Criadó.

Mode agarrá as três donzelas,  
invorvê num santo véu  
E levá viva pro céu  
Pra ninguém mexê com elas  
(2001, p. 153).

O erotismo em três anjos, Benvinda, Felisbela e Conceição tem algo de sagrado, mas não direcionado a Deus. As três moças não perderam seu aspecto humano, uma tem voz notória, outra olhos vivos, que denunciam

elementos importantes dessa eroticidade, como o contato, o olhar, os sentidos, a beleza, o desejo, levando o eu poético para o abismo da violação não de uma apenas, mas das três ao mesmo tempo. Para tanto, o eu poético deseja ser o “Divino Criadô”, o único a agarrar as três donzelas. Essa erotização tem uma face divina na intensidade com que o eu poético olha e deseja a beleza das três meninas e de querer as três para si.

De acordo com Bataille (2013, p. 330), “a humanidade profunda só se revela a nós, se reconhecemos a unidade do sentimento divino – estremeamento sagrado – e do erotismo liberado da imagem grosseira imposta pela pudicícia tradicional”. O erotismo mantém ligação com o sagrado, colocando o ser em questão e as emoções humanas possuidoras de novos significados. É o que esse poema *Três Moça* mostra quando o eu poético deixa suas emoções conduzirem o caminho do desejo pela via da sacralidade.

No poema *A muié que mais amei*, no livro *Cante lá que eu canto*, há uma forte densidade erótica na forma de falar da mulher amada. Para exemplificar, eis uma estrofe:

Era bem firme a donzela,  
Só neu vivia pensando.  
Quando eu oiava pra ela,  
Ela já tava me oiando.  
Mode a gente cunversá  
E o amo continuá  
Quando eu não ia, ela vinha,  
Um do outro sempre bem perto  
Nosso amô dava tão certo  
Que nem faca na bainha  
(2012, p. 178).

O olhar é elemento que marca a intensidade do erotismo e que vai agregando outros elementos como a voz, a proximidade corporal, o tato. A imagem da faca na bainha relaciona-se ao amor carnal. A faca é um objeto capaz de ser empunhado, lâmina penetrante, longa e pontiaguda, que se encaixa na bainha. A imagem da faca representa o princípio ativo e a bainha a matéria passiva. Chevalier & Gheerbrant (1990, p. 416) analisam o simbolismo fálico da faca, “tão frequentemente evidenciado por Freud na interpretação dos sonhos dos seus pacientes”. A faca e a bainha estão associadas aos órgãos genitais masculino e feminino.

E ainda no livro *Balceiro 1*, o soneto intitulado *À Meretriz* faz referência à voluptuosidade da mulher na boca e no riso. Ela é a puta que serve de fruta entre os pomares atiçando o desejo do homem e de fonte para matar a sede daqueles que não têm mulher. Essa alusão ao desejo carnal intensifica a eroticidade do poema quando retrata a atividade sexual “no chão, na cama ou dentro de uma rede” (1991, p. 23), não como um ato profano e decadente, mas como um ato fundante de nossa humanidade, na busca pela fusão e pela continuidade do ser.

## Considerações Finais

O poeta romano Quinto Horácio Flaco (65-8 a.C) escreveu na *Ode 30* sobre a imortalidade de sua obra: “um monumento ergui mais perene que o bronze, / mais alto que o real colosso das pirâmides. / Nem a chuva voraz vingará destruí-lo, / nem o fero Aquilão, nem a série sem número / dos anos que se vão fugindo pelos tempos...”

(2003, p. 85). Assim como Horácio, o poeta Patativa do Assaré ergueu uma obra imorredoura, um monumento “mais perene que o bronze”, tornando-se um poeta sempre lembrado na poesia brasileira, “conheço que estou no fim/e sei que a terra me come/mas fica vivo o meu nome/para os que gostam de mim” (1992, p. 203). Ficou seu nome na memória de todos aqueles que conheceram sua poesia de ascendência oral, de expressão lírica, erótico-amorosa, social e satírica, no sertão e fora dele, cantando as alegrias e as tristezas, a vida e a morte, as secas e as enchentes que assolaram permanentemente o homem sertanejo no seu caminhar.

As mulheres de Patativa são anjos, santas, rainhas, virgens, deusas, feiticeiras, putas, entre outras denominações. Algumas são mais pacatas, outras mais rebeldes, mas todas elas são devotadas ao amor e convidadas a experimentar o leito de Eros. Patativa do Assaré descreve seus personagens femininos com doses ora de romantismo ora de realismo, desvelando sempre um acentuado humor, o que bem caracteriza seu estilo literário.

O Eros menino, o amor alado, fez sua rota pelo *Sertão Encantado* de Patativa e pelas praças do Assaré, espiando a brancura dos *Pomos das virgens*. Sua poesia erótico-amorosa está cheia de travessuras e travessias. É um canto de volúpia e sensualidade que celebra a grandeza de Eros e sua força indomável, que Patativa, com sua sensibilidade e criatividade, fez sua poesia também ser um lugar do erótico.



## Referências bibliográficas

ASSARÉ, Patativa do. **Inspiração Nordestina: Cantos de Patativa**. São Paulo: Hedra, 2003.

\_\_\_\_\_. **Cante lá que eu canto cá**. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

\_\_\_\_\_. **Aqui tem coisa**. 2ª ed. Fortaleza: Secult, 1995.

\_\_\_\_\_. **Ispinho e Fulô**. Fortaleza: UECE, 2001.

ASSARÉ, Patativa do e ALENCAR, Geraldo Gonçalves de (Organizadores). **Balceiro 2: Patativa e outros poetas do Assaré**. Fortaleza: Secult, 1991.

ALENCAR, Geraldo Gonçalves de (Organizador). **Balceiro 2: Patativa e outros poetas do Assaré**. São Paulo: Terceira Margem, 2001.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

CARVALHO, Gilmar de. **Patativa do Assaré**: Pássaro Liberto. Fortaleza: Museu do Ceará. Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2002.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Tradução de Vera da Costa e Silva... [et al.] 2ª ed. (1ª reimpressão). Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

JUNG, Carl G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Tradução de Maria Luiza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 9ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

NOVAK, Maria da Glória e NERI, Maria Luiza (Organizadoras). **Poesia Lírica Latina**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

PINHEIRO, Socorro. **Patativa do Assaré entre o oral e o escrito**. In: DIADORIM: Revista de Estudos Linguísticos e Literários. N. 1. Rio de Janeiro: UFRJ, Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, 2006.